

Tempo Ogúnico: uma proposta de análise do colonialismo de dados com personagens conceituais do Candomblé Nagô¹

Luiz Carlos Pinto²
Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

As formas contemporâneas de poder e opressão crescentemente seguem um modelo de produção de conhecimento baseado na extração e processamento de dados. Esse artigo expressa o momento atual de uma pesquisa que procura identificar quais personagens conceituais do Candomblé Nagô, e das cosmotécnicas associadas, nos ajudam a recontextualizar e interpretar as tecnologias digitais e em rede, seus princípios e consequências. A investigação é conduzida por Revisão Bibliográfica, Etnografia e Entrevistas Narrativas e segue uma maneira de inquirir, aprender e ensinar que coloca no centro epistemologias não ocidentais, realçando a importância dos afetos, dos mistérios, dos espectros, da Natureza, do corpo e, em específico, do Axé de Ogum, o Orixá das tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Neocolonialismo; Cosmotécnicas; Ogum; Comunicação; Dados

INTRODUÇÃO

As formas contemporâneas de poder e opressão vêm sendo progressivamente guiadas por um novo modelo de produção de conhecimento baseado na extração e processamento de dados. Entre as consequências desse fenômeno estão o aumento da concentração de capital, a sofisticação dos modelos de vigilância e o aprofundamento dos processos de colonização. Corpos negros em particular, e não-brancos em geral, experimentam de maneiras específicas os efeitos desse mais recente regime de conhecimento (ASMANN, 2017) – que requer o investimento crescente em ciência de dados, capacidade computacional, e a extração contínua e ampla de uma grande quantidade de dados para gerar previsões que alimentam tomadas de decisão nos mais variados temas: saúde, comércio, educação, administração pública, finanças, trabalho, transporte e segurança pública (RICAURTE, 2019).

1 Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Professor do Mestrado em Indústrias Criativas e do curso de Jornalismo da UNICAP, e-mail: lula.pinto@unicap.br

Estados, corporações tecnológicas e centros de pesquisa localizados principalmente no Norte Global fornecem o suporte infraestrutural e apoio político necessários a essa racionalidade orientada por dados. Ao mesmo tempo, essas transformações correspondem a uma inflexão do modelo de produção capitalista, em função das tecnologias da informação e comunicação e de suas conexões com processos extrativos e financeiros de produção.

Não por acaso, o modelo econômico que paulatinamente se consolida, baseado na despossessão de dados pessoais e na captura da vida também modula agendas de pesquisa. De fato, há muitos conceitos que tratam de aspectos desse processo – colonialismo de dados (COULDRY & MEJIAS, 2019), capitalismo de vigilância (LYON, 2001; ZUBOFF, 2020); governamentalidade algorítmica (BERNS & ROUVROY, 2018); capitalismo de plataforma, economia psíquica dos algoritmos (Bruno et al, 2019), entre outros.

A maior parte dos percursos analíticos que consolidaram esses termos tem em comum o fato de contemplarem prioritariamente a articulação entre economia, tecnologias e comportamento. A extensa bibliografia já construída nos últimos anos também tem em comum outro elemento: seus principais conceitos foram majoritariamente desenvolvidas no Norte Global.

Termos como “influencers”, “fake news”, “algorithmization”, “datification” passaram a compor o vocabulário corrente, necessário (e esperado) das reflexões produzidas por pensadores e pensadoras da América Latina (BORAH, 2017). Tais referências foram capazes de mapear um novo modelo de produção de capital e avançaram a partir das contribuições de diversas áreas de conhecimento: comunicação, sociologia, economia, antropologia, expressando, de fato, múltiplas portas de diálogos entre pesquisadorxs e a construção de abordagens que podem se complementar.

Esse artigo considera, entretanto, que a mera importação dessas referências pode reeditar e aprofundar o “modelo de elaboração intelectual do processo de modernidade” que “produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram um caráter do padrão mundial de poder”: o eurocentrismo (QUIJANO, 2005).

O conceito de “pensamento abissal” (SOUSA SANTOS, 2007) expressa bem isso: corresponde aos já conhecidos apagamentos de saberes que aparentemente não

podem contribuir ou não podem conviver nos espaços reconhecidos de produção de conhecimento para tratar de problemas contemporâneos. Refiro-me especificamente às epistemologias associadas ao Candomblé e suas cosmotécnicas.

A pesquisa que embasa esse artigo está em andamento. Sua hipótese é que a modulação de formas de ser, pensar e sentir provenientes de um regime centrado em dados (capitalismo de plataforma, capitalismo de vigilância, capitalismo algorítmico) estabelece uma agenda de imposição civilizacional. Diante dessa inflexão, emerge a necessidade de se recorrer a referências civilizacionais que já desempenharam e desempenham formas de interpretação, re-elaboração e respostas às dinâmicas coloniais. É assim que, no âmbito dessa pesquisa, se colocam questões desse tipo: qual o entendimento que as referências afro-diaspóricas, e suas cosmotécnicas associadas, permitem formular da racionalidade orientada por dados e suas manifestações? Qual a importância dessa questão e as consequências das eventuais respostas? Que respostas teórico-pedagógicas tais linhas acionam?

Uma vez que boa parte da atual bibliografia concernente à governamentalidade e racionalidade algorítmica pode ser caracterizada, no geral, como abordagens sobre as dimensões materiais das mudanças no sistema capitalista, os mapas que tais abordagens desenham sugerem impossibilidades, situações sem saída, esgotamento e falta de perspectivas.

As análises desenvolvidas a partir da matriz do Norte Global expressam o próprio desencanto que se abateu sobre as ciências sociais, ao não vislumbrar alternativas para as sociabilidades dominadas pelo capitalismo de vigilância e suas dimensões algorítmicas; mas também ao não considerar tais processos a partir de outras perspectivas.

É nesse sentido que essa pesquisa e o presente artigo valorizam a presença espectral de entidades do Candomblé Nagô como intercessoras de uma dupla estratégia metodológica: por um lado, personagens conceituais (DELEUZE & GUATTARI, 1992) são acionados como operadores analíticos de um modelo civilizatório que subordina a vida a lógicas maquínicas. O "Tempo Ogúnico" do título não é um termo que se refere ao contexto contemporâneo. Derivado do nome do Orixá da Guerra³, Ogum, o termo se refere a um emblema civilizacional com o qual se analisa o

³ Esse personagem conceitual também é associado ao processo civilizatório e aos instrumentos técnicos que abrem caminhos para isso.

imaginário sócio-técnico hegemônico e as consequências da exacerbação de alguns de seus elementos.

A outra ponta da estratégia se refere à busca por respostas pedagógicas ao desencantamento incorporado pela agenda neocolonial baseada na extração de dados e na governamentalidade algorítmica. A problemática colonial recolocada nos demanda uma resposta educativa. Seu desdobramento na forma de um capitalismo de vigilância e de uma economia psíquica de algoritmos não pode esconder o caráter político de um projeto que continua a apostar suas fichas na escassez, na produção de morticínio, na simplificação da vida para que ela possa ser contida e não contenha. O artigo apresenta elementos dessa agenda de pesquisa.

PERSONAGENS CONCEITUAIS

O principal foco dessa pesquisa é desenvolver uma análise do avanço do regime de conhecimento (epistemologia) centrado em dados, a partir de personagens conceituais, de suas narrativas e das cosmotécnicas associadas ao Candomblé Nagô. Alguns desses personagens conceituais são a Ialorixá, o Babalorixá, o griot, o bamba, a(o) jogueira(o), todos os Orixás (Exu, Oxalá, Obatalá, Ogum, Oxóssi, Oxum, Xangô, Ossaín, Yemanjá, entre outros.), entre muitos outros.

O formato atual do capitalismo atualiza as centenárias formas de extração de valor em geral, mas, especificamente em relação às pessoas negras das diásporas, atualiza também as formas de exclusão, marginalização e silenciamento. Renova ainda processos de modulação do ser, do pensar e das formas sentir dessas populações.

Como já mencionado, esse processo é encarado como uma virada civilizacional. Esse argumento é parcialmente desenvolvido por Paola Ricaurte (2019), ao argumentar que epistemologias centradas em dados deveriam ser compreendidas como uma expressão da colonialidade do poder manifestada “como a violenta imposição de formas de ser, pensar e sentir”. No argumento da pesquisadora, esse processo expulsa os seres humanos da ordem social, condena a existência de mundos e epistemologias alternativas e ameaça a vida na Terra.

Considerando essa abordagem, a pesquisa procura desenvolver uma interpretação a partir de (outras) bases civilizacionais também. Há dois aspectos que

precisam ser ressaltados em investigar dessa forma os processos neo-coloniais que articulam neoliberalismo, TICs e financeirização.

O primeiro desses aspectos se refere às notórias dificuldades para formular alternativas teóricas e políticas à primazia total do mercado, cuja defesa mais coerente foi formulada pelo neoliberalismo, como observado por Edgardo Lander (2000).

Disso resultam os relatos ou análises de cenários que sugerem a falta de alternativas ao devir histórico que agora se apresenta – não são raros os usos inapropriados do termo ‘encruzilhada’ para comunicar o que são na verdade as alternativas infernais (PIGNARRE & STENGERS, 2011) que nos são, muita vezes, oferecidas. Naquele emblemático texto, Edgardo Lander observava que “a busca de alternativas à conformação profundamente excludente e desigual do mundo moderno exige um esforço de desconstrução do caráter universal e natural da sociedade capitalista-liberal”, (LANDER, 2000, p. 9).

Isso implica, como observava o autor, a necessidade de questionar as pretensões de objetividade e neutralidade dos principais instrumentos de naturalização e legitimação dessa ordem social, que na perspectiva de Lander, corresponde ao conjunto de saberes que conhecemos globalmente como ciências sociais – que justificam e explicam o mundo Moderno.

Significa também que as soluções ao arranjo sociotécnico e civilizacional em construção precisam considerar elementos fora do campo da técnica e da tecnologia. Mais ainda: uma compreensão comprometida com outras experiências tecnológicas precisa levar a sério outros imaginários tecnológicos – outras cosmotécnicas. Isso significa rearticular a questão da tecnologia e contestar os seus pressupostos ontológicos e epistemológicos (das redes sociais à inteligência artificial), o que implica em ir além da crítica ao eurocentrismo e do colonialismo do poder.

Em sintonia com diversas abordagens que procuram recolocar a relação entre humanos, tecnologias e natureza a partir de matrizes epistemológicas não ocidentais, o principal objetivo dessa pesquisa se filia, portanto, ao que a professora Thamara de Oliveira Rodrigues chama de humanidades encantadas – uma perspectiva que tem mostrado a necessidade de uma forma de pesquisar, escrever, pensar, inquirir a realidade por meio do acolhimento das filosofias, das expressões culturais, de saberes não ocidentais, ontologias não ocidentais, experiências estéticas, demandas existenciais

mas também por meio dos sentidos, do corpo, dos afetos, do mistério, da dúvida, da epifania, da imaginação, da ficção, da materialidade dos espectros e dos antepassados. É nesse sentido que se pode afirmar que essa é uma investigação poética – no sentido adotado para esse termo por Édouard Glissant (2021).

Trata-se de uma proposta que procura confrontar o conceito de tecnologia em si e reagir à crença generalizada de que já não é possível imaginar outras formas de relação com a tecnologia e construir outro futuro. Essa perspectiva desencantada, muito frequentemente, se apresenta nas análises hegemônicas que tratam do conjunto de problemas aqui colocados.

Assim, o segundo dos aspectos da investigação acima mencionado se refere a uma busca por construir outras poéticas de relação no mundo. Refere-se à busca por inventar, produzir, criar caminhos para tornar as ciências entusiasmadas – estar entusiasmado significa estar com o corpo cheio de deuses, estar incorporado da capacidade de criação.

É essa orientação que nos permite propor o seguinte Objetivo Associado ao Objetivo Principal desta pesquisa: sugerir modelos pedagógicos como respostas decoloniais aos efeitos das formas contemporâneas de poder e opressão baseadas em uma racionalidade que depende da extração de dados.

Como nutrir tais respostas com referenciais afro-diaspóricos, em particular advindos da tradição do Candomblé Nagô? Quais táticas e estratégias tecnopolíticas as pedagogias assim imaginadas podem conter? Quais elementos psicológicos podem ser usados para tanto? Quais os ambientes mais adequados para a abertura desses caminhos de aprendizados?

Esse conjunto de questões aciona alguns elementos a serem considerados:

a) Acionar o campo e personagens do Candomblé como elementos pedagógicos implica centralmente em acessar narrativas sobre seres míticos, extraindo dessas histórias posicionamentos epistemológicos. Nesse sentido, faço minhas as palavras de Eduardo Oliveira, com esse investimento teórico:

Intento aqui aproveitar-me da crítica radical aos processos totalizantes e valer-me generosamente dos processos de singularização, mas, ao nosso modo, singularizar implica etnicizar, não como território único de enunciação, mas como território contextualizado e singularizado de produção de narrativas (OLIVEIRA, 2021, p.13).

b) Essa é uma operação que procura se reapropriar das tecnologias por meio de uma cosmotécnica particular (afrodiaspórica) para realizar futuros tecnológicos diferentes. Como coloca Yuk Hui (2020), novas percepções sobre o tema e a reflexão sobre outros futuros possíveis é um imperativo. Na mesma medida e no mesmo sentido, essa busca materializa um projeto de decolonização que se afasta de maneira consciente do pós-colonialismo.

c) O aprendizado que se pretende extrair dessa experiência poderá criar alternativas a um modelo civilizacional que naturaliza a guerra, que flerta com a noção da tecnologia como um universal e com os sonhos transumanistas. Ainda seguindo Yuk Hui, trata-se de expandir a forma como vemos a tecnologia para além de instrumento produtivo e mecanismo capitalista, voltado exclusivamente ao aumento da mais-valia. Na perspectiva do filósofo chinês, essa perspectiva nos impede de perceber seu potencial decolonizador, bem como de considerar a necessidade do desenvolvimento e da manutenção da tecnodiversidade.

d) O que significa dizer que as pedagogias que se procura tomam a forma de uma guerrilha epistêmica e ontológica, uma destruição amorosa das expectativas maquínicas hoje hegemônicas, porque toda política contra-colonial, em que as humanidades encantadas se incluem, é uma política de vida.

Para isso, precisamos rearticular a questão da tecnologia e contestar os pressupostos ontológicos e epistemológicos das tecnologias modernas, sejam elas as redes sociais ou a inteligência artificial (HUI, 2020, p.18).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para dar conta de estabelecer uma leitura a partir da epistemologia do Candomblé Nagô, essa pesquisa lança mão de alguns recursos teóricos específicos. Uma das linhas guia é a poética da relação (GLISSANT, 2021): um modo de produzir conhecimento pela relação entre povos, culturas e línguas ao mesmo tempo em que se pauta por uma rasura – o que em termos políticos implica na denúncia de novos modelos de submissão e exploração e, em termos estéticos, na proximidade da escrita poética, da escrita histórica e da filosófica. Por isso, não se descartam os avanços obtidos nos estudos realizados por pesquisadores do Norte Global.

O trabalho de interpretar a atual ambiência logo-técnica, bem como o desenvolvimento de pedagogias para lidar com esse contexto parece exigir, como já indicado, uma abordagem centrada nas pessoas submetidas à atualização neo-colonial por meio da extração de dados – que gera, por sua vez, cenários de escassez, desencantamento e monologização da vida. A afrocentricidade é uma dessas referências.

Como definida por Molefi Kete Assante (2009), parte-se da afirmação de que a compreensão dos fenômenos se articula e ganha contornos especiais de acordo com a identidade do sujeito.

Assim, trata-se de definir a localização psicológica, cultural, histórica ou individual ocupada por uma pessoa em dado momento da história. A afrocentricidade ainda aciona as potências comunitárias na chave do quilombismo, um conceito-operativo desenvolvido por Abdias Nascimento e que se atualiza continuamente há quatro Séculos nas américas.

Esse ponto de partida tem uma conexão forte com a noção de filosofia afroperspectivista, referência teórica cujos elementos constitutivos são um plano de imanência afroperspectivista, a invenção de personagens conceituais melanodérmicos e a criação de conceitos afroperspectivistas. Os trabalhos de Eduardo Oliveira (2021) e de Renato Nogueira (2011) são importantes referências teórico-metodológicas para esse investimento.

O plano de imanência é o campo onde os conceitos circulam, se entrecrocaram, fazem sentido para tratar de certos problemas. Deleuze o define ao mesmo tempo como horizonte e como solo. Como solo, o plano de imanência é o terreno intuitivo, onde habitam elementos pré-filosóficos. Como horizonte, o plano de imanência corresponde à imagem do pensamento.

Nesse projeto, o plano de imanência é formado pelo Candomblé de matriz Nagô. É importante frisar que esse recurso se coloca como uma invocação filosófica (afroperspectivista), e não como uma convocação religiosa ou mística. E que tal movimento deve servir para orientar processos de identificação cultural e aprendizagem decolonial com tecnologias.

A afroperspectividade é uma imagem do pensamento da filosofia afroperspectivista, que pode ser apresentada por estas três teses básicas: a) Pensar é movimentação, todo pensamento é um movimento que, em vez de buscar a Verdade e se

opor ao falso, busca a manutenção do movimento; b) O pensamento é sempre uma incorporação, só é possível pensar através do corpo; c) A coreografia e o drible são os ingredientes que tornam possível alcançar o alvo do pensamento: manter a si mesmo em movimento.

Articuladas, essas referências abrem um leque de possibilidades para acionar as narrativas míticas associadas aos Orixás, a partir das quais o sujeito executa um trabalho de configuração e interpretação – de dar forma e sentido –, da experiência vivida. Tanto as narrativas de si (individuais e coletivas) quanto as narrativas a partir de mitos fornecem inteligibilidade integrativa às experiências. Elas comunicam valores civilizacionais, inflexões ontológicas, bases epistemológicas, valores morais para interpretar o contexto logo-técnico contemporâneo.

Uma outra referência para lidar com essas coisas é a noção de tecnodiversidade desenvolvida pelo já citado filósofo da técnica Yuk Hui. Em seu trabalho, a cosmotécnica é a unificação do cosmos (entendido como Natureza) e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de arte. Existem muitas cosmotécnicas e, para esse autor, elas são importantes como formas de reapropriação das tecnologias baseadas em diferentes epistemologias e epistemes. No mesmo sentido advogado pelo filósofo chinês, esse não é um projeto que substancializa a tradição, uma vez que o objetivo não é recusar as tecnologias atuais, mas analisar as condições de possibilidades de outros futuros tecnológicos.

A disposição pedagógica discutida nesse projeto explora sabedorias de fresta – em particular, advindas do Candomblé Nagô. E embora não se proponha aqui resolver os problemas impostos pela agenda do colonialismo de dados, abre-se um horizonte para se pensar as relações com os objetos técnicos, mas também para a produção de conhecimento a respeito dessa relação.

A resposta pedagógica que terá mais chance de ser bem sucedida é a que for baseada em referenciais subalternos cruzados com os referenciais hegemônicos de compreensão e atuação sobre a tecnologia. Essa necessidade pedagógica se associa à necessidade de elucidar a questão da cosmotécnica como elemento para o desenvolvimento de uma cosmopolítica possível.

E é nesse sentido que Yuk Hui propõe romper com a ideia de que a técnica é um Universal. Ou seja, uma concepção monotecnológica exclui do conceito de técnica expressões culturais ancestrais, simplificando a um único modelo o curso de desenvolvimento da tecnologia – desenvolvimento esse que é guiado por critérios de produtividade e de consumo. Daí a necessidade de recuperar uma variedade de tecnologias e as respectivas concepções da natureza a elas associadas. O que Hui propõe é um caminho para reimaginar a concepção tecnológica e ao mesmo tempo reformular o projeto de modernização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PRÓXIMOS PASSOS

A pesquisa é metodologicamente guiada por uma revisão bibliográfica, por entrevistas narrativas e por imersões etnográficas. No atual momento, venho aprofundando a leitura de trabalhos que permitem uma abordagem baseada nas epistemologias do Candomblé Nagô (chamo de conhecimentos macumbísticos) e preparo uma série de entrevistas com Yalorixás, Babalorixás e Babalaôs (inicialmente em Pernambuco). Essas entrevistas servirão para sistematizar elementos de interpretação da ambiência logo-técnica, que serão glosadas ao investimento bibliográfico já em curso.

A essas providências, somo a continuidade à convivência em alguns dos terreiros que já frequento, com o objetivo de me aproximar de práticas que alimentem uma interpretação do mundo contemporâneo e nutram formas de aprendizado com tecnologias.

No curso de trabalho até agora, o avanço maior se deu na leitura de artigos e livros que debatem temas, conceitos e processos sobre o regime de conhecimento e exploração centrado em dados. Essa bibliografia cobre fenômenos variados, com impactos econômicos e sobre a subjetividade de amplas populações em termos de conceitos como capitalismo de plataforma, capitalismo de vigilância, capitalismo algorítmico, economia psíquica, entre outros.

Portanto num primeiro momento da pesquisa, voltada para uma bibliografia do Norte Global, foram levantadas questões como estas: quais são os saberes e práticas que subvertem a ambiência logo-técnica que produz as tecnologias de controle e o fim da privacidade?

Observe-se que as questões acima não colocam clara e diretamente o contexto, os corpos, a relação com o outro, a identidade e os afetos. Aos avanços obtidos por essa linha de pesquisa e análise, venho somando autores e autoras decoloniais, além dos que discutiram processos de resistências contracoloniais históricos na América Latina. Essa busca não se restringe a tradições bibliográficas, mas também a práticas contracoloniais, a experiências amplas de auto-conhecimento e relação com a Natureza.

Assim, em paralelo, passei a realizar uma revisão bibliográfica de obras que apresentam perspectivas afro-centradas – em particular a partir das contribuições de Molefi Kete Asante, Cheik Anta Diop e Abdias Nascimento. Foi a partir desse ponto que passei a mobilizar elementos da filosofia afroperspectivista, seguindo caminhos abertos ou sistematizados pelo professor Renato Nogueira, citado anteriormente.

A associação de novos elementos analíticos tornou possível perceber a necessidade de discutir a elaboração de interpretações e de um programa de aprendizados afrocentrado com tecnologias – isto é, a partir da localização psicológica, cultural, histórica ou individual ocupada por pessoas negras, como postula Asante. Sabemos que essa localização aponta para uma condição secular de marginalidade das populações negras, de margem.

Mas a margem, como indicam diversos autores e autoras “não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade. A margem se configura como um espaço de abertura radical e criatividade, onde novos discursos críticos se dão”, afirma Grada Kilomba (no livro *Memórias da Plantação*, p. 68).

Assumi então que as resistências e possibilidades associadas às margens expressam a emergência e a credibilização de saberes, “comprometidos, agora, com o reposicionamento histórico daqueles que os praticam”, como afirma Luiz Rufino. Foi assim que a investigação sobre a ambiência logo-técnica contemporânea, bem como a busca por desenvolver ou sistematizar formas de aprendizado tecnológico, tornaram a forma dos objetivos mais específicos apresentados anteriormente.

O recurso aos conhecimentos macumbísticos – conhecimentos afro-diaspóricos associados principalmente às epistemologias do Candomblé obtidos nas leituras que as sistematizam e as historicizam, bem como nas lições coletadas oralmente ao longo do meu percurso como adepto do Candomblé –, não apaga ou descarta os avanços obtidos

pelos trabalhos de análise desenvolvidos por investigadores do Norte Global. Nesse sentido, um dos métodos colocados em prática opera mais uma fricção do que uma oposição entre o legado de pensadorxs do Norte global e as matrizes culturais fragmentadas na diáspora negra – em particular do Candomblé em sua linha Ketu, de tradição Iorubá, dos povos Nagô.

Esse método não é novo – foi desenvolvido por Édouard Glissant, pensador seminal para esse projeto. Seguindo esse método, procura-se delinear uma narrativa filosofante, ou uma filosofia narrativa, que articula um deslocamento poético da linguagem, a dimensão política da denúncia e a proposição de outras realidades simbólicas.

A ideia do Tempo Ogúnico como operador analítico das anomias provocadas pela produção de conhecimento baseado na extração e processamento de dados; e a adoção de uma dimensão exusíaca para uma pedagogia (RUFINO, 2019) – comprometida com um sentido de criação de conceitos, nomes, artefatos –, com tecnologias são expressões da inspiração na investigação poética de Glissant: os nomes expressam formas outras de refletir sobre essas questões.

Até esse ponto da pesquisa, a investigação tem permitido analisar tais anomias a partir das características do personagem conceitual Ogum, presentes em itans⁴, e que revelam neste, o mais ambíguo e instável das forças que compõem o panteão do Candomblé nagô, comunicando-nos a problemática relação que se estabelece entre comunicação, isolamento e violência, quando tais características são exacerbadas.

É isso que tem permitido acionar o Tempo Ogúnico como dispositivo analítico afro-diaspórico que permite discutir, vislumbrar e criar a tecnodiversidade. O Axé de Ogum é o de invenção, reinvenção, fundação e expansão de multiplicidades, o que está em contradição com a cultura mono-tecnológica que gera experiências pobres com tecnologias. Com isto, refiro-me à dinâmica algorítmica de modulação de comportamentos; ao uso limitado ao de uma experiência passiva em relação a diversos dispositivos; às limitações para o reconhecimento de tecnologias do cuidado como recursos fundamentais para a saúde psíquica, entre muitas outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

4 Palavra em Iorubá que significa poema condensado, enigma, que procura sintetizar o Orixá.

ASANTE, M. K. Afrocentralidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade** – Uma abordagem epistemológica inovadora. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-110.

ASMANN, Parker. Latin America Scores Poorly in New ‘Global Impunity Index. **Insight Crime**, 2017. Disponível em: <<https://insightcrime.org/news/brief/latin-america-scores-poorly-in-new-global-impunity-index>>. Acesso em: 20 de Junho de 2022.

BORAH, P. Emerging communication technology research: Theoretical and methodological variables in the last 16years and future directions. **New Media & Society**, 19(4), 616–636, 2017. Disponível em <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1461444815621512>>. Acesso em: 12 de Junho de 2022.

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS**, v. 26, n. 3, p. e33095, 27 dez. 2019. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/33095>>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2022.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. **The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism**. 1. ed. Stanford: Stanford University Press, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 4. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

GLISSANT, E. **Poética da Relação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LAROSSA, J. **Tremores** – Escritos sobre experiência. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LYON, D. **Surveillance Society: Monitoring Everyday Life**. 1. ed. Buckingham: Open University Press, 2001.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NOGUEIRA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot – Revista de Filosofia**. v.4, n. 2, Dezembro, 2011. Disponível em <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/500>>. Acesso em: 12 de Fevereiro de 2021.

OLIVEIRA, E. **Cosmovisão africana no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2021.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

RICAURTE, Paola. Data Epistemologies, The Coloniality or Power, and Resistance. *Television & New Media*, v. 20 (4), p. 350-365, 2019. Disponível em <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1527476419831640>>. Acesso em: 4 de março de 2022.

ROUVROY, A.; BERNS, T. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? In: BRUNO, F. et al (Orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância** – perspectivas da margem. São Paulo: Boi Tempo, 2018, p. 107-139.

RUFINO, J. L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: MV Serviços e Editora, 2019.

ZUBOFF, Soshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro na nova fronteira do poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.